

## **Vozes do cânone: antídoto ou veneno em *Reprodução* de Bernardo Carvalho**

*Erick Silva Bernardes*<sup>20</sup>

### **RESUMO**

Este artigo discorre sobre o papel da crítica literária acerca das narrativas ficcionais contemporâneas e a relevância da opinião canônica no panorama literário atual. Sob a concepção temática denotativa do processo de aceleração cultural, analisamos o romance *Reprodução* (2013), de Bernardo Carvalho, em abordagens teóricas, para discutirmos uma possível reconfiguração do cânone literário em detrimento das novas mídias digitais, que divulgam e legitimam textos ficcionais e redefinem os conceitos de valor da literatura contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura contemporânea; Bernardo Carvalho e *Reprodução*; Teoria e Crítica literária.

Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinado, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência sociodialógica em torno do objeto de tal enunciado e de participar ativamente do diálogo social. De resto, é dele que o enunciado saiu; ele é como sua continuação, réplica. (Mikhail Bakhtin, *Estética da criação verbal*.1992).

### **INTRODUÇÃO**

Quando falamos em literatura e, mais especificamente, em teoria literária, qualquer generalização incorre no risco do preconceito. Contudo, parece-nos legítimo

---

<sup>20</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Mestrando em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores. PPLIN – FFP/UERJ. Rio de Janeiro. Brasil. [ergalharti@hotmail.com](mailto:ergalharti@hotmail.com)

postular em favor de um dado generalizante, ao afirmarmos que “toda” crítica pressupõe necessariamente um juízo de valor.

Partindo dessa premissa, longe de fazermos uma abordagem depreciativa da questão valorativa, entendemos a própria apreciação do texto literário – o que tem ou não valor – um objeto de análise. Neste sentido, a crítica literária (majoritariamente representada pelo cânone) deixa a posição ativa de avaliadora para assumir o papel de objeto investigativo pela ótica da teoria literária. Pois, baseados na observação de Terry Eagleton, em *Teoria da literatura: uma introdução*, “as afirmações sobre os fatos são afirmações que pressupõem alguns juízos questionáveis: os juízos de que tais afirmações são dignas de serem feitas, talvez mais dignas do que algumas outras” (1997, p. 18). Naturalmente, essas observações extrapolam a competência da crítica literária devido ao seu relativismo e passam a ser alvo da teoria literária, porque segundo Antoine Compagnon, em *O demônio da teoria*, a teoria literária seria a crítica da crítica: relativista, mas não ecumênica, questionadora, sem assumir quaisquer caracteres dogmáticos (2010, p. 249).

Em síntese, nosso foco inicialmente é estabelecer uma análise sucinta de *Reprodução* (2013), cuja narrativa dispõe de um contexto de mundo digital, segundo o qual as “palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações” (LÉVY, 1999, p. 122) sejam postas em evidência, para só então, em segundo e terceiro momentos, discutirmos via teoria o interesse da literatura pelo consenso de especialistas (cânone), e por um predomínio particularizante de gosto (consumidor), pensando nos processos para a avaliação por parte de uma comunidade interpretativa do mundo global, legitimada pelas “afirmações descritivas que fazem” das obras (EAGLETON, 1999, p. 19). A essa comunidade “canonizante” chamamos de crítica literária, e será aqui nosso objeto de estudo, via ficção de Bernardo Carvalho.

## I

Apesar da crítica literária ter frequentemente se preocupado com o valor artístico da obra em seu tempo presente de publicação, principalmente no que tange às mídias de divulgação dos textos em lançamentos literários, sabemos que, historicamente, o cânone

sempre teve relevância fundamental para a formação da cultura ocidental de um modo geral. Porém, é fato inegável que textos literários reconhecidamente “de qualidade” mantêm-se atuais, mesmo que caracterizem-se pelo longo tempo decorrido das suas publicações.

Uma das questões fundamentais para que o objeto artístico venha a receber o rótulo de “produto de qualidade” é saber quão é criativo o livro. Em outras palavras, o viés indicador da “boa” obra será pontuado pelo polêmico atributo da inventividade. Contudo, sabemos que também o cânone mantém, de certa forma, uma espécie de relação com o horizonte de expectativa dos consumidores das obras literárias, visto que, importa hoje, principalmente nessa relação escritor-editora-leitor, a constante mercadológica. Não basta a opinião especializada da crítica, a opinião dos leitores tem relevância para esse nicho cultural ao sabor da economia. Um tipo de balança, em que pese um conjunto de valores a que Antoine Compagnon se referirá como “sistema de preferências, consciente ou não” (2010, p. 222). Nesse sentido o romance *Reprodução* (2013), de Bernardo Carvalho, vencedor do 56º Prêmio Jabuti, apresenta-se muitíssimo atual, pois tem, paradoxalmente, como eixo temático, a falta de criatividade comunicativa de um estudante usuário assíduo de internet. Em outras palavras, se, por um lado, o enredo põe em cheque uma possível superficialidade de leituras de textos publicados pelas novas mídias digitais, sob a conduta de um protagonista leitor de *blogs*, *websites*, exemplo de interlocutor globalizado, ávido por informação proveniente de fontes duvidosas, por outro, *Reprodução* (2013) traz à tona, sob a aparente inconsequência enunciativa, uma outra personagem-narradora, sob a voz de uma mulher policial, agente da ordem pública que, sob o nosso olhar crítico, assumirá aspectos peculiares de duelo linguístico direcionado ao leitor, revelando-se então um artifício satírico para o interlocutor que tenha o olhar desconfiado.

Ademais, o paratexto do volume, ou seja, as informações da orelha e da quarta capa do livro, prenunciam um narrador-protagonista preconceituoso e mau caráter na figura do estudante “reacionário e racista (embora não se assuma como tal)” que “vive entre a realidade e a paranoia” (CARVALHO, 2013).

Em contrapartida, ao ler atentamente a obra, o narratário perceberá, pela voz da agente feminina, uma espécie de “acusação”, uma denúncia, revelando ao leitor que a propaganda paratextual baseada no anunciado “mau-caratismo” do seu protagonista, em nada tem de compatível com a história propriamente dita, o internauta configuraria mais uma vítima do que algoz dos absurdos refletidos no texto. Conforme prenuncia o narrador onisciente em um dos seus poucos momentos no texto: “O estudante não sabe o que dizer” (CARVALHO, 2013, p. 14)

Seria essa estratégia de composição textual um artifício linguístico de denúncia com relação da falta de percepções mais críticas acerca da obra, ou, talvez, de leituras consideradas superficiais? Curiosamente, a própria personagem feminina pergunta ao delegado, colega de profissão: “Então? Não foi o que te disseram? Também não li. Também não sei se existe. Me disseram. Mas, como investigador, você está realmente mal informado.” (CARVALHO, 2013, p. 68). Se a narrativa romanesca, em um primeiro momento parece simples: “Aliás, você viu que não existe imaginação? É. Não existe. Só memória” (p. 68), então, beirando a “superficialidade” criativa, seu discurso mais aprofundado, subliminarmente na voz da enunciadora, engendrará uma provocação metalinguística àquele que busca, nas entrelinhas da obra, índices ideológicos de posicionamento político ou atuação intelectual:

E todo mundo acredita. Pois agora descobriram que a imaginação não existe. Eu já sabia porque só repito. E, de mais a mais, pra que serviria a imaginação? Eu tento imitar, mas não sinto como os outros, não me emociono. Não é por não querer [...]. Nunca li um romance até o fim. Não me diz nada. Tem que ter bons sentimentos para ler romance, pra se identificar com os personagens. (CARVALHO, 2013, p. 68)

Assim, longe de anunciar uma leitura confortável, a diegese de *Reprodução* (2013) revelará um viés corrosivo muito próximo da sátira menipeia, pois, de acordo com as ideias de Mikhail Bakhtin, esse tipo de método composicional provoca “as palavras do interlocutor, levando-o a externar a sua opinião e externá-la inteiramente [...] fazer as pessoas *falarem*, expressarem em palavras suas opiniões obscuras” (2010, p. 126). Nesse sentido, a personagem feminina revela-se fomentadora de discussão aos

moldes confessionais: “Faço como os outros reproduzo”, porque seu discurso fabular intervém em nome de outra voz, a saber, a do autor modelo. Seria então esse um espaço paratópico revelado pelo texto de Carvalho? Se assim for, a própria policial personagem responderá: “Não precisa fazer essa cara. Não sou eu que estou dizendo. Ele é que disse” (CARVALHO, 2013, p. 68).

## II

Ao tomamos como objeto de investigação o romance *Reprodução* (2013), de Bernardo Carvalho, tratamos do papel das novas mídias digitais, mais especificamente a importância da internet, sobre uma possível reconfiguração do cânone literário contemporâneo e suas atribuições de juízo de valores.

A escolha da obra de Carvalho para a nossa investigação justifica-se por dois motivos principais: O primeiro, devido ao enredo de *Reprodução* (2013) apresentar um eixo temático denotativo desse processo de aceleração cultural, conseqüente ao advento das novas tecnologias digitais, pois em sua narrativa o protagonista é um internauta estudante, leitor de *websites* e criador de um *blog*: “Eu sempre escrevo pra seção de cartas do leitor. Eu também tenho um blog. Estou no Facebook. Tenho muita opinião. E seguidores. O endereço é fácil. Tenho milhares de amigos e seguidores” (CARVALHO, 2013, p. 33). E, o segundo motivo, atribui-se aos modos de articulação da linguagem verborrágica empregada, e também da estrutura formal do romance, visto que o livro é composto majoritariamente por um discurso, por vezes, ausente de parágrafos e monológico, marcado por inferências vocabulares de alienação cultural, conseqüentes aos efeitos excessivos da informação digital. Além de dispor de um sugestivo exagero de exclamações e interrogações aparentemente desconexos, mas que, apesar de dirigir-se ao delegado interrogador, nos proporcionará um viés irônico, como se dialogasse consigo mesmo corrosivamente. Conforme o exemplo:

Agora o senhor me pegou. Como é que eu posso explicar? O senhor não teve aula de português na escola? Era escola bilíngue? O.k., ok! É claro que sabe o que é hipótese. Está cansado de saber o que é hipotético, claro, claro. Não entendi, o.k.? Desculpa. Pode? Quer saber a minha opinião? Não quer? Bom, infelizmente vou dar a minha opinião. Foi o senhor que me mandou falar. E

agora quer que eu cale a boca? Não vou me abster. E quer saber qual é o problema? A educação no Brasil acabou. Acabou mesmo! O nível está baixíssimo. Não dá pra conversar. Não tem interlocutor. Ninguém sabe nada. (CARVALHO, 2013, p. 37)

Soma-se a isso, apesar do discurso verborrágico e da estrutura não linear da obra em questão fugir aos padrões típicos do gênero romanesco, o fato de este último trabalho de Bernardo Carvalho ter sido escolhido pela crítica contemporânea como o melhor romance brasileiro de 2014, rendendo portanto ao seu autor o 56º Prêmio Jabuti, oferecido pela Câmara Brasileira do Livro.

Sendo assim, quando são mensurados objetivamente pela crítica aquilo que se compreende como “valor” literário, deve-se também considerar uma certa adequação do texto literário ao contexto no qual o discurso virá a público, sem perder de vista seu viés histórico comparativo, não só pelo plano estético, mas, sobretudo, por seu conteúdo significativo. Isso quer dizer que, em plena turbulência de aceleração cultural, supervalorização da imagem e dos bens de consumo, o romance *Reprodução* (2013) dialoga com os possíveis impactos proporcionados pelas novas tecnologias de informação: *Facebook*, websites, *whatsApp*, dentre outros suportes digitais de comunicação. Esses elementos “realísticos” conferem à narrativa de Carvalho um diálogo com questões acerca das transformações no mundo contemporâneo (entretenimentos eletrônicos, instantaneidade das informações, disponibilidade maior de conhecimento), caindo portanto no gosto do público leitor e dos próprios especialistas em literatura.

Desse modo, tomando como foco a esteira da crítica literária, Vincent Jouve, em *Por que estudar literatura?*, defenderá que a crítica especializada se incumbe de avaliar o texto literário “por sua própria gênese (o projeto estético), ou por sua configuração (sobrevvalorização do significante) que estão estruturalmente voltadas a exprimir coisas originais, até mesmo inesperadas” (2012, p. 114). Partindo desse princípio estrutural da “originalidade”, sob a linguagem profusa, não obstante a aparente negligência estratégica da forma (mas só aparentemente), Carvalho compatibiliza a narrativa do

“blogueiro inconsequente” às discussões acerca das transformações que o mundo contemporâneo tem passado, revelando um viés peculiar da sua poética.

Se por um lado, o discurso romanesco de *Reprodução* (2013) caracteriza-se pela pormenorização dos sinais de pontuação, pouquíssima incidência de parágrafos, repetição de palavras, dentre outras evidências de artifício discursivo, por outro lado, essa manobra estética, focada na estrutura, reflete no significado do enredo a capacidade que o escritor possui de transitar pelos assuntos característicos do mundo globalizado e seus espaços cibernéticos. Aponta-se, assim, na trama, possíveis problemas de comunicação do estudante internauta, em que pese as perguntas: a tecnologia de aporte digital condiciona ou emancipa intelectualmente? Qual é o impacto que a rapidez da informação da cibercultura tem causado na sociedade e seus efeitos com relação à produção de conhecimento? São questionamentos os quais nos permitem compreender que Bernardo Carvalho, seguindo o nosso método de interpretação de texto-contexto, põe em discussão uma possível “superficialidade” acerca da formação intelectual contemporânea, explicitada pela fala do protagonista anti-herói.

Essa falta de domínio da palavra, característica do personagem central, e “isso ocorre precisamente quando ele passa a achar que sua própria língua não dá conta do que tem a dizer” (CARVALHO, 2013, p. 9), revela-se em peculiar manutenção temática, a saber, o caos causado pelos excessos de dados da era digital. De acordo com Luiz Costa Lima, porém adaptado ao nosso argumento com relação à esse recurso poético de suporte “realístico” do cotidiano contemporâneo, o escritor concebe a obra “usualmente como sistema de comunicação, (mas) a linguagem é antes veículo de enganos. Ao conjunto dos mesmos chamamos de senso comum. Nem por isso, é verdade, ela deixa de comunicar: também o engano é comunicativo” (1974, p 27).

Logo, a pertinência do enredo tecido sobre o arcabouço dos elementos ditos realísticos, acerca das confusões que a falta de comunicação pode causar, permite que o livro vencedor do 56º Prêmio Jabuti seja visto como uma obra satiricamente estruturada sobre a temática central da alienação cultural, decorrente da pouca reflexão, tão característica de uma cultura massificada, baseada na história do personagem que só lê

fragmentos ou “informações sintetizadas”. Enfim, alguém que reproduz o discurso da mídia massificante, enquanto dispositivo de controle em meio tecnosocial, e põe o próprio tema da narrativa em discussão, para o bom proveito da crítica canônica e dos consumidores da obra de Bernardo Carvalho, que buscam o “tal” embasamento real.

### III

Pensar o papel da crítica literária hoje é considerar a necessidade que a obra possui de ser reconhecida pelo cânone como um produto estético-significativo de caráter original. Mas, infelizmente (ou felizmente para a teoria), cairemos em outro impasse teórico: O que vem a ser originalidade? Etimologicamente trata-se de um conceito histórico (origem), porém, seu significado moderno remete à noção de atualidade, ou melhor, novidade.

Nesse paradoxo, a opinião canônica se legitima por sua ação histórica e atuante na configuração do discurso de uma sociedade. Por meio da doxa, acerca daquilo que se convencionou chamar de literatura, a crítica tem o seu lugar. Assim como a teoria (crítica da crítica), que nutre-se da mesma fonte, em que ronda – conforme Barthes (2007, p. 15) – aquele monstro mantenedor da ordem chamado estereótipo.

Sendo assim, ao apontarmos a chave alegórica do personagem internauta, homem contemporâneo, vinte e quatro horas conectado, e por isso apequenado pelos excessos midiáticos, evidenciamos uma dupla abordagem enunciativa, de caráter sobremaneira político no romance *Reprodução* (2013), diretamente ligada àquelas instâncias legitimadoras da própria literatura, são essas as abordagens: a) Um possível domínio (ou predomínio) dos dispositivos de controle que se instalam na cultura de massa via espaço digital, e de que se servem também os círculos legitimadores das obras ficcionais, ou seja, a crítica propriamente dita. b) O efeito deslizante disponibilizado pelo texto ficcional, ou o próprio discurso estereotipado, feito tema e método de desconstrução dos valores modernos compreendidos como originais.

Desse modo, apesar de aparentemente contraditório, afirmamos haver na obra de Bernardo Carvalho sentidos duplamente perceptíveis com relação à noção de “originalidade”: O primeiro, através do critério alegórico de um “eu” submetido, sujeito



(*subdictus*) aos dispositivos de controle da sociedade massificada da cibercultura, reproduzindo a tradição, em que supomos, conforme Costa Lima (1993, p. 19), uma ordem estável e estabilizadora, na qual tenderá à “obediência a modelos”, afigurada pelo personagem estudante e protagonista de *Reprodução* (2013). O outro, um “eu” projetado (*subjectus*), autoconsciente mas sem voz, cuja presença só será notada se voltarmos nossa atenção para o método empregado por Carvalho, a saber, o discurso sério-cômico (BAKHTIN, 2010, p. 144), aquele baseado em elementos satíricos de aspecto carnalizador (contradições, jargões, exageros), descortinando o estado atual da sociedade, acrescido de elementos da realidade cotidiana para o agrado do leitor. Assim, sinteticamente, acerca desse horizonte de expectativa que vive às voltas com a relação paradigmática entre modelos tradicionais e novidades, Antoine Compagnon se posicionará:

Na crítica os paradigmas não morrem nunca, juntam-se uns aos outros, coexistem mais ou menos pacificamente e jogam indefinidamente com as mesmas noções – noções que pertencem à linguagem popular. Esse é um dos motivos, talvez o principal motivo, da sensação de repetição que se experimenta, inevitavelmente [...] nada de novo sob o sol. (COMPAGNON, 2014, p. 17)

Contudo, embora o supracitado postule a falta de novidade, entendemos que são esses mesmos impasses que permitem a Bernardo Carvalho transitar pelos círculos literários, e, ironicamente, servir-se dessa “falta do novo”, enquanto sintoma de reprodução do discurso, motivado pelos processos de aceleração cultural, como objeto temático, e também, estrategicamente, munir-se dele na composição dos seus textos ficcionais.

Por fim, podemos afirmar, o romance ganhador do 56º Prêmio Jabuti atende às expectativas tanto dos críticos quanto dos leitores e, em uma espécie de ordem do método (LIMA, 1993, p. 55), ele tinge de “melancolia e absurdo a analgesia a que a humanidade se entrega sempre que se abstém do exercício da criticidade” (LIMA, 2010, p. 230). Com base na transfiguração enunciativa do nosso universo moral do mundo globalizado, Carvalho mantém, com seu último livro de ficção, temática e método reconhecidamente atual, porque “original”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa análise do livro *Reprodução* (2013), de Bernardo Carvalho, empenhou-se em discutir alguns aspectos da cultura globalizada do mundo contemporâneo. Nosso foco de atenção, em abordagem analítica, voltou-se primeiramente para o enredo romanesco e à polissemia que recobre as atitudes preconceituosas do protagonista estudante de chinês e da personagem feminina representante da ordem pública. Tendo como pano de fundo um salão de aeroporto no qual a ação se passa, acrescido de uma linguagem verborrágica, sua poética reflete um discurso preconceituoso do personagem principal em vias de alienação intelectual. Em seguida, empreendemos discussões teóricas cujas bases de reflexão apontaram para a relação entre artista, leitor e texto, e além, pois salientarmos a tendência desses movimentos interativos entre narrador e narratário estreitarem-se cada vez mais.

Ao ampliarmos a nossa percepção teórica compreendemos que a atenção ao mercado consumidor se intensificou, impulsionando novos modos de produção literária para que a obra tenha um atrativo a mais em seu nicho de mercado. Como consequência, essa necessidade constante de renovação dinamizou os processos de escrita, fazendo com que os autores busquem atualizar seus meios de “criação”.

Por isso, esmiuçamos o livro *Reprodução* (2013), e através da nossa abordagem, entendemos que o produto literário (cujo livro de Carvalho serviu-nos de exemplo) tem a sua marca própria, quase compulsória; dessas “que não passam sobre nós sem deixar o sulco geralmente aberto no espírito pelas grandes criações” (CANDIDO, 2012, p.18). Culminando com uma (in)certa diferença entre o produto literário e os outros produtos por aí comercializados. Logo, ainda que aparentemente naveguemos sem horizonte certo, concordamos com Roland Barthes (2007, p. 16-17), em que o “grafo complexo” das “pegadas da “práticas de escrever” resiste e dialoga, através do “deslocamento que ele (o escritor) exerce sobre a língua”.

## **Voices of the Canon: Antidote or Poison in *Reprodução* by Bernardo Carvalho**

### **ABSTRACT**

This article discusses the role of literary criticism on contemporary fictional narratives and the relevance of the canonic opinion in the current literary scenario. Under the denotative thematic conception of the cultural acceleration process, we analyze the novel *Reprodução* (2012), by Bernardo Carvalho, in theoretical approaches, to discuss a possible reconfiguration of the literary canon to the detriment of new digital media, which disseminate and legitimize fictional texts and redefine the concepts of value of contemporary literature.

**KEYWORDS:** Contemporary literature; Bernardo Carvalho and *Reprodução*; Literary theory and criticism.

### **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2012.

CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JOUBE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. de Marcos Bagno, Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

LIMA, Costa; BASTOS, Dau (Org). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

\_\_\_\_\_. *A metamorfose do silêncio: análise do discurso literário*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

\_\_\_\_\_. *Limites da Voz: Montaigne, Schlegel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor e sociedade*. Trad. Marina Appenzeller. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.